

RESENHA: *VAZA JATO*, A COBERTURA QUE SACUDIU O JORNALISMO BRASILEIRO

LIVRO: *Vaza Jato: os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil*. Letícia Duarte, *The Intercept Brasil*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020, 320 p.

Felipe Boff¹

Produzido e lançado durante a pandemia do coronavírus, o livro “*Vaza Jato: os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil*” entrega, a um tempo *sui generis*, contribuições singulares. É um livro-reportagem, mas também um livro de reportagens. A primeira parte, escrita pela experiente jornalista Letícia Duarte, é que efetivamente dá conta do título. Relata, em estilo literário e ritmo alucinante, o desenrolar da cobertura investigativa mais importante do jornalismo brasileiro recente, a partir do ponto de vista daqueles que a produziram. A segunda parte, assinada por diversos integrantes do site *The Intercept Brasil*, é a *Vaza Jato* propriamente dita: uma seleção das principais reportagens que compuseram a cobertura, incluindo duas que permaneceram inéditas até a publicação do livro. A antologia valeria por si como registro perene de um trabalho jornalístico histórico. Mas é o exame minucioso de como essa jornada se construiu, com erros e acertos, o que mais interessa aos estudos em Jornalismo.

O nome dado à cobertura e ao livro, *Vaza Jato*, segue a lógica de *hashtag* das redes sociais, tão eficazmente trabalhadas por veículos nativos digitais como o *The Intercept*. É uma referência dupla ao seu conteúdo – um vazamento gigantesco de mensagens comprometedoras – e ao seu objeto – a operação Lava Jato, capitaneada pelo então juiz federal Sergio Moro, que teve efeitos devastadores na política e na economia do país, com desdobramentos em todo o continente. No Brasil, mais do que flagrar a corrupção na petroleira Petrobras e condenar empresários e políticos valendo-se de métodos questionáveis (prisões, grampos, quebras de sigilo e delações premiadas sob a sombra da arbitrariedade), a Lava Jato abalou o próprio sistema democrático. Foi decisiva para o impeachment de Dilma Rousseff (PT), em 2016; pôs na cadeia o ex-presidente Lula (PT), retirando-o da disputa eleitoral de 2018; e, assim, pavimentou o caminho para a eleição de Jair Bolsonaro (pelo PSL, legenda de extrema direita sem tradição política que ele abandonaria pouco depois de se sentar na cadeira de presidente). E foi nesse momento, no auge de

¹ Professor de Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2011. Graduado em Comunicação Social - Hab. em Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), 2002. Experiência profissional em jornal, revista e internet, como jornalista, e em cinema e televisão, como roteirista. Integrante do Resto - Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM). E-mail: flpboff@gmail.com

sua repercussão política, que a Lava Jato iniciou sua derrocada, quando o juiz Moro aceitou de imediato o convite para ser ministro da Justiça de Bolsonaro.

A suspeita de que Moro atuara com parcialidade e movido por interesses políticos se tornara quase uma certeza. Sobravam indícios, mas faltavam provas contra a Lava Jato, e não havia disposição ou força para procurá-las. A oposição estava esfacelada e ninguém esperaria que o Judiciário fosse cortar na própria carne, ainda mais revisando os atos do juiz que fora alçado pela opinião pública à condição de herói nacional. A grande imprensa enfrentava em silêncio o constrangimento de tê-lo ungido no papel de paladino – afinal, Moro pulara sem cerimônia para o outro lado do balcão, abrigando-se no coração do poder político.

A história muda no momento em que um hacker anônimo entrega ao estadunidense Glenn Greenwald, cofundador do *The Intercept* internacional e radicado no Brasil, uma gigantesca quantidade de mensagens trocadas entre procuradores da Lava Jato e o juiz Moro. Greenwald, mundialmente famoso pelo Caso Snowden, também amparado em um vazamento de dados, não parece hesitar um instante sobre o valor jornalístico daquilo que tem em mãos. A equipe do *The Intercept Brasil*, acionada por ele, mostra-se mais cautelosa ao lidar com o material. Aqui o livro deixa uma lacuna: até que ponto se discutiu, internamente, a legitimidade jornalística de se utilizar provas obtidas ilegalmente? Os argumentos em favor da divulgação, em nome do interesse público, ficam evidentes no emblemático editorial que acompanha a primeira reportagem da cobertura, mas a construção desse debate ético não aparece no livro.

Aparecem, no entanto, os muitos cuidados editoriais e jurídicos adotados pela equipe do site. Ao descrever detalhadamente o processo jornalístico, o livro evita o equívoco de se focar no protagonismo natural de Greenwald, a grande estrela da redação. Mostra o papel determinante que tiveram os jornalistas da “cozinha”, como os editores brasileiros, Leandro Demori e Alexandre De Santi, relata o trabalho duro dos repórteres e consegue dimensionar a pressão vivida por todos naqueles dias – a ponto de a redação criar a fictícia “Editoria de Paranoia”.

Desses bastidores surgem as principais revelações sobre a cobertura. Explica-se o surpreendente momento escolhido para dar o “furo”, um domingo à noite, que agitou o plantão de todas as redações do país, por louvável preocupação ética: evitar que a fonte anônima pudesse se antecipar e tirar proveito econômico do efeito da “bomba” na Bolsa de Valores. Até ali, a apuração era mantida em completo sigilo, inclusive para parte da equipe. Assim que se publica a primeira reportagem, a redação se sente aliviada, mas a pressão se desloca para outros sentidos, como a reação do poder político e a expectativa do público.

A certa altura, Greenwald, alvo principal dos ataques governistas, pressiona a redação para antecipar a publicação de uma reportagem e comete um desliz,

divulgando previamente uma informação que ainda não havia sido checada (e que estava errada). O equívoco, apesar de rapidamente corrigido, causa mais estragos internos do que externos. A forte discussão do jornalista mais conhecido e “dono do furo” com os editores brasileiros, que representavam a redação e suas queixas, por pouco não acaba em rompimento, o que revela um surpreendente equilíbrio de forças na hierarquia do site.

O relato da cobertura registra também uma característica ímpar da *Vaza Jato*, que é o trabalho colaborativo envolvendo diferentes empresas jornalísticas. Com uma redação pequena diante de uma vastidão de dados, o *The Intercept Brasil* procurou outros veículos, inclusive da mídia hegemônica, para compartilhar sua base de informações e produzir reportagens em conjunto. Pôs jornalistas concorrentes para trabalhar ombro a ombro, numa mesma redação, sobre o mesmo material. Essa colaboração nem sempre se deu forma tranquila, mas os resultados não deixam dúvidas de que foi uma decisão acertada. A iniciativa multiplicou a profundidade e o alcance da cobertura e chegou a promover um raro momento de reavaliação editorial na grande imprensa brasileira. A revista *Veja* e o jornal *Folha de S. Paulo*, que tanto espaço deram a Moro e às denúncias da Lava Jato contra Lula e o PT, foram dois dos sete veículos que se somaram à *Vaza Jato*, e nesse movimento incluíram uma discreta autocrítica.

Ao todo, a *Vaza Jato* produziu 105 reportagens. É um volume impressionante, mas pequeno se comparado às milhares de reportagens alimentadas pelas denúncias da Lava Jato ao longo de meia década. Assim, o que impressiona mais é o seu impacto. A cobertura derrubou de vez a máscara de instância imparcial e apolítica do Judiciário, confrontando este poder com coragem poucas vezes vista no jornalismo brasileiro. Os recursos da defesa de Lula finalmente foram avaliados pelo Supremo Tribunal Federal, que terminou por reconhecer a parcialidade do juiz Moro e anular os processos contra o ex-presidente, posto em liberdade após 580 dias na cadeia. Desgastado pelas revelações da *Vaza Jato* e pelas disputas de poder dentro do governo, Moro entregou o cargo de ministro, deixou o país e passou a trabalhar, nos Estados Unidos, para a empresa que cuida da recuperação judicial da Odebrecht, empreiteira pesadamente condenada por ele próprio na Lava Jato. Acomodou-se do outro lado do balcão, um pouco mais confortável, e manteve alguma influência na política nacional, mas muito menor daquela que exercia como juiz ou como ministro de Bolsonaro.

Como se pode constatar, a *Vaza Jato* realmente “sacudiu” o Brasil. E fez mais: sacudiu também o jornalismo brasileiro. Veículo independente, on-line e de acesso gratuito, o *The Intercept Brasil* valeu-se disso tudo para afirmar valores essenciais à profissão, como liberdade editorial e interesse público. De quebra, com este livro, vem contribuir valorosamente com a história e a crítica das práticas jornalísticas.